

Sen. Sarney fará campanha O GLOBO 29 AGO 1977 pelo voto distrital

SÃO PAULO (O GLOBO) — O Senador maranhense José Sarney (Arena) começará uma campanha nacional em favor da instituição do voto distrital, como uma fórmula capaz de dar estabilidade política ao Brasil. Para ele, a criação de mais partidos, com a manutenção ou extinção dos atuais, como propõem os próprios arenistas, "é uma questão secundária".

Em entrevista ao GLOBO, Sarney manifestou-se favorável a uma reforma constitucional, condicionando-a a dois pontos fundamentais: que seja conduzida pelo Presidente da República e que parta de idéias que representem um consenso nacional, "para evitar reformas idealistas, que marginalizem setores da sociedade ou provoquem o aciuamento do Governo ou da Revolução".

Sarney, que defendeu a continuação do presidencialismo, por entender que "a tendência no mundo moderno é a dos Executivos fortes", acha que o importante, no momento, é avaliar os pontos em torno dos quais há convergência, observando que já se configura um estuário de consenso em torno de várias questões. Evitou uma análise ampla da questão da anistia, que é reivindicada pelo MDB, admitindo, contudo, que é favorável a uma "anistia seletiva".

Ideologia

O senador e ex-governador maranhense quer que a questão partidária seja encarada de uma nova maneira. Acha, por exemplo, que o voto proporcional está superado, porque se presta apenas a um sistema eleitoral escorado em partidos ideológicos: "Ocorre que os partidos ideológicos no mun-

do atual já estão ultrapassados."

— No mundo moderno — afirmou — o único modo de chegarmos a uma democracia liberal é adotar o sistema do voto distrital onde pode haver tanto dois, como dez ou 200 partidos, mas sempre haverá dois partidos fortes, que servirão de sustentação ao regime. Os outros partidos são representativos apenas de minorias sem expressão, que não chegam a abalar a solidez do regime.

— Nos países subdesenvolvidos — continuou — não há estabilidade para absorver o voto ideológico. Na própria França, país que tem longa tradição de voto ideológico, De Gaulle criou um sistema distrital chamado "de duas voltas": na primeira votação os eleitores podem escolher qualquer dos candidatos, mas na segunda só podem escolher um, dos dois que foram mais votados na primeira eleição. É uma maneira de evitar uma instabilidade permanente. Uma minoria poderia complicar tudo.

Na opinião do senador, "a grande vantagem do sistema distrital é que, ao contrário do que ocorre no voto proporcional devido à sublegenda e outros fatores, o adversário não é o próprio companheiro de partido mas o oponente do outro partido. Então há interesse em formar bases partidárias, pois haverá coesão interna. Quem domina as minorias radicais são os próprios partidos, que evitarão a fragmentação da sociedade política".

Constituinte

Sarney acha que a bandeira da Constituinte é "apenas um slogan de mobilização adotado pelo MDB, que não tem nenhum dado realista".

— Em primeiro lugar, pa-

ra termos uma Constituinte teríamos de dissolver o Congresso. Quem dissolveria o Congresso? O Poder Executivo? Mas se nesse instante o MDB condena justamente o exercício de atos de exceção, esse seria talvez o maior ato de exceção já praticado.

— Por isso — prosseguiu — o mais sensato mesmo é promover uma reforma constitucional, com o Congresso atual, que tem poder constituinte.

Ele acha também que o longo debate, que começou a se desenvolver com a iniciativa do Presidente Geisel, desde o início do seu Governo — tendo lançado a teoria do desenvolvimento político, com desenvolvimento social e econômico —, está dando resultados: já se chega a "um estuário de amadurecimento", com algumas idéias praticamente representando consenso. E o próprio diálogo ganhando os vários segmentos sociais.

Vitorino Freire

"Inegavelmente, a vida do ex-Senador Vitorino Freire ocupou um largo espaço da história política maranhense", assim, José Sarney referiu-se ao seu ex-adversário político, falecido sexta-feira, no Rio.

Sarney explicou que não pôde comparecer ao enterro porque não foi informado à tempo de tomar o avião para o Rio. Mas não quis falar sobre suas divergências com Vitorino.

— Todos nós, criaturas humanas, temos virtudes e defeitos — disse Sarney. A morte deve apagar a lembrança dos nossos defeitos e manter o reconhecimento das nossas qualidades. Diante desse fato transcendental que é a morte, cessa a política e acabam-se as divergências.